

O caráter social da liturgia: a celebração eucarística a partir da realidade

The social character of liturgy: the eucharistic celebration from reality

*Rodrigo José Arnoso Santos**

RESUMO: O Concílio Vaticano II significou para a vida da Igreja, o despontar de um novo tempo. Um momento pertinente, para se repensar a vida teológica, litúrgica e pastoral da comunidade eclesial. No que toca a vida litúrgica da Igreja, o surgimento da *Sacrosanctum Concilium* deu um novo impulso as ações litúrgicas da mesma. O grande apelo deste documento conciliar foi o de reformar e restaurar os livros litúrgicos, repensando os *ritus et preces*, a fim de promover celebrações que motivassem a participação ativa, consciente e frutuosa dos membros da comunidade cristã na liturgia. Liturgia que é realidade apreendida sencientemente. Ressalta-se aqui, que a comunidade eclesial é chamada agora a encontrar na liturgia uma fonte perene de espiritualidade. Pois as ações litúrgicas da Igreja, sobretudo, a celebração eucarística, devem expressar a sua *lex orandi*, a sua *lex credendi*, em vista da sua *lex agendi*. A assembleia litúrgica que celebra a eucaristia é motivada a fazer a passagem da morte para a vida. Deste ponto, podemos então falar do caráter social da liturgia, que impulsiona os cristãos a marcharem na busca de novos tempos. A autêntica celebração eucarística não pode se dar fora das realidades humanas, mas a partir delas, em vista da libertação total do homem. Ajudados pelo pensador espanhol contemporâneo Xavier Zubiri e pelo seu novo modo de conceber a realidade, estudaremos: “O caráter social da liturgia: a celebração da eucaristia a partir da realidade”. A ação litúrgica não tem por função nos tirar da realidade, mas nela nos retêm, a fim de que o Mistério Pascal seja atualizado e a partir dele superemos a dicotomia entre fé e vida.

PALAVRAS-CHAVE: Realidade; Celebração; Liturgia; Inteligência Senciente; Zubiri.

ABSTRACT: The Second Vatican Council meant for the life of the Church, the dawn of a new time. A pertinent moment to rethink the theological, liturgical and pastoral life of the ecclesial community. As far as the liturgical life of the Church is concerned, the emergence of the *Sacrosanctum Concilium* gave a new impetus to its liturgical activities. The great appeal of this conciliar document was to reform and restore the liturgical books, rethinking the *ritus et preces*, to promote celebrations that would motivate the active, conscious and fruitful participation of the members of the Christian community in the liturgy. Liturgy that is a reality apprehended sentiently. It is noteworthy here that the ecclesial community is now called to find in the liturgy a perennial source of spirituality. For the Church's liturgical actions, especially the Eucharistic celebration, must express her *lex orandi*, her *lex credendi*, in view of her *lex agendi*. The liturgical assembly that celebrates the Eucharist is motivated to make the transition from death to life. From this point, we can then speak of the social character of the liturgy, which drives Christians to march in search of new times. The authentic Eucharistic celebration cannot take place outside human realities, but starting from them, with a view to the total liberation of man.

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Teologia da PUC-SP e membro do Grupo de Pesquisa Liturgia e Inteligência Senciente. Mestre em Sagrada Liturgia pelo Pontifício Instituto Litúrgico di Roma, Ateneu Sant' Anselmo. Leciona nas áreas de Teologia Sacramental e Liturgia no ITESP - Instituto São Paulo de Estudos Superiores e no Centro Universitário Salesiano de São Paulo – Instituto Pio XI.
E-mail: rja.santos@itespteologia.com.br

Helped by contemporary Spanish thinker Xavier Zubiri and by his new way of conceiving reality, we will study: “The social character of the liturgy: the celebration of the Eucharist starting from reality”. The liturgical action does not have the function of taking us out of reality, but retains us in it, so that the Paschal Mystery is actualized and from it we overcome the dichotomy between faith and life.

KEYWORDS: Reality; Celebration; Liturgy; Sentient Intelligence; Zubiri.

1 Introdução

O Concílio Vaticano II, na Constituição Conciliar *Sacrosanctum Concilium* (SC) pronunciando-se sobre a celebração da eucaristia, salientou que ela deve ser *fons et culmen* de toda a vida cristã (SC, n. 10). É dela que emana a força, da qual necessita a Igreja para a realização de sua missão no mundo, como resposta ao mandato de Cristo, antes do seu retorno para a casa do Pai: “Ide por todo o mundo, e proclamai o Evangelho a toda criatura” (Mc. 16,15). A celebração eucarística atualiza a missão da Igreja, por isso ela é ponto de chegada e ponto de partida. Nela a comunidade, povo de Deus, encontra a fonte que renova a sua energia, a fim de que a realidade fundamento da comunidade, que é Jesus Cristo, se atualize em toda a sua obra missionária, partindo da celebração. Por isso, “tanto os diversos ministérios litúrgicos como a própria celebração, entendida como ação ritual, devem ser claramente postas a serviço do Verbo” (DWORAK, 2020, p. 13).

Sobejamente faz-se mister apontar, que a celebração eucarística nos coloca diante da realidade do Mistério Pascal, para o qual deve convergir toda a vida missionária da Igreja. Todas às vezes que a comunidade eclesial se encontra em torno da mesa da Palavra e da mesa da Eucaristia a assembleia celebrante recorda e atualiza a paixão, morte e ressurreição de Jesus Cristo.

O Concílio situa a ação litúrgica no vivo dos desdobramentos da vida, Páscoa e envio missionário do Senhor aos seus discípulos primeiros, não como um acessório ou detalhe de menor importância, mas como instrumento de execução daquele plano que ele veio revelar, realizar e haverá de consumir (COLA, 2020, p. 87).

Esta celebração memorial, que nos coloca diante da realidade fundamento da vida cristã, que é o Cristo, segundo Boselli nos impõe uma tarefa, sobre a qual precisamos tomar consciência: “a liturgia dá a Igreja uma tarefa pelo mundo, uma tarefa da qual os cristãos, hoje talvez mais que no passado, são devedores no confronto com todos os homens. Em uma sociedade onde domina o mais forte, a eucaristia é um verdadeiro e próprio desafio” (2012, p. 109). Celebra-la a partir da realidade social, inteligida e sentida pela comunidade nos conduz a compreensão de que: “antes mesmo de ser o sacramento de nossa Redenção, para a remissão

dos pecados, mas sendo-o contudo, a Eucaristia é, antes de tudo, o sacramento da nossa divinização” (BÉGUERIE; BEZANÇON, 2016, p. 46).

Partindo do princípio de que a celebração eucarística, se celebra dentro de um do contexto social, no qual nos encontramos inseridos, a tarefa que nos impomos é apresentar o caráter social da liturgia, a partir da realidade na qual a eucaristia é celebrada. Para atingirmos o nosso objetivo, recorreremos ao conceito de realidade que emerge, do pensamento de Xavier Zubiri, que nos ajuda a entender este termo como o fundamento de todas as coisas.

2 A Realidade no pensamento zubiriano

Xavier Zubiri é um pensador espanhol contemporâneo que aos poucos vem se tornando conhecido no mundo acadêmico, sobretudo o latino-americano. O próprio divide a sua obra em três fases a saber: fenomenológica, ontológica e metafísica. Na contramão do que se pensou e afirmou a filosofia até o seu tempo, o pensador basco, na construção da sua noologia e metafísica do real, defenderá que o conhecimento não se dá a partir de conceitos, mas emerge da realidade sentida intelectivamente. Em seu pensamento o homem é definido como um “animal de realidades”. Este apreende a realidade, por meio, da inteligência senciente. Para o pensador espanhol “a intelecção senciente já nos instala na própria realidade, mas suas limitações são a raiz de todo esforço, de toda a possibilidade e de toda problematicidade da intelecção ulterior da realidade” (ZUBIRI, 2011a, p. 78).

O seu realismo filosófico gerou uma revolução no modo de conceber o processo de conhecimento humano, pois o mesmo superou o hiato entre inteligir e sentir. Para ele o homem entende sentindo, isto é, o homem é dotado de uma inteligência senciente. “A inteligência senciente é a estruturação da diversidade de sentires na unidade intelectual da realidade” (ZUBIRI, 2011a, p. 77). Partindo do seu sistema filosófico, sabe-se que três são os modos com que o homem apreende a realidade.

O primeiro e fundamental é a apreensão primordial, nesta a coisa é apreendida diretamente, imediatamente e unitariamente (ZUBIRI, 2011a, p. 40-41). Aqui todo o conhecimento é dado de uma forma compacta, impulsionando o homem as simples apreensões, necessárias, na marcha em busca do conhecimento. A apreensão primordial lança o homem no campo de realidade (ZUBIRI, 2011b, p. 11), onde a coisa apreendida como formalidade de realidade, é vista entre outras coisas, a fim de que se conheça, sem sair da realidade, o que a coisa é em realidade. Aqui estamos dentro da apreensão do logos, que gera um percepto, um ficto e por fim um conceito (ZUBIRI, 2011b, p. 78). Sem sair da realidade, por meio de um

recolhimento intelectual o homem apreende e reatualiza a realidade, apreendida primordialmente. O terceiro e último modo do homem apreender a realidade é denominado de apreensão de razão. Segundo o pensamento zubiriano:

a impressão de realidade é, portanto, também impressão de pura e simples realidade, ou seja, não só apreendemos em impressão que a coisa é real, e não só o que esta coisa real é em realidade, mas aprendemos também que esta coisa é pura e simplesmente real na realidade (ZUBIRI, 2011c, p. 4).

Estamos no momento da afirmação da coisa, e daquilo que ela é na realidade. Diante disto é possível afirmar que o sentir humano é intelectual e o seu inteligir é senciente.

A originalidade do pensamento zubiriano estará então, em afirmar que a realidade é tudo aquilo que fica no homem, da apreensão do real, por meio da inteligência senciente. Por isso, para ele o real será sempre tudo aquilo que existe e apreendemos como realidade. “Vertido para a realidade, o homem é por isso animal de realidades: sua inteligência é senciente, seu sentimento é afetante, sua volição é tendente” (ZUBIRI, 2011a, p. 208).

Da Trilogia Inteligência Senciente, obra que registra a maturidade do pensamento de Zubiri, apreendemos que “não é a vida que nos obriga a pensar, senão que é a inteligência o que nos obriga a viver pensando” (ZUBIRI, 2011a, p. 208). Desse modo, o grande mérito deste pensador estará em dizer que o ato da inteligência senciente é um ato de impressão de realidade. Realidade que se apodera do homem, o único que tem capacidade de inteligir sencientemente a realidade.

3 A liturgia intelectivamente sentida e como fonte de espiritualidade cristã

A liturgia desde os primórdios da Igreja sempre se configurou como uma fonte de espiritualidade, para toda a comunidade cristã. Desde sempre nela a comunidade cristã foi convidada a vislumbrar a unidade entre fé e vida. Por isso, “assembleia litúrgica é a forma fundamental e originária da Igreja, enquanto através da assembleia a Igreja diz de si mesma e ao mundo o que ela é, qual é o seu fim, a sua missão e a sua tarefa na história” (BOSELLI, 2012, p. 113).

Partindo da nova eclesiologia eucarística, que emana dos documentos conciliares que nascem a partir do Vaticano II, a Igreja pouco a pouco toma consciência, que a maior expressão da sua compreensão da liturgia como fonte perene de espiritualidade, se desdobra na promoção da participação ativa, consciente e frutuosa de toda a comunidade eclesial na liturgia (SC, n 41). Os membros da Igreja são chamados a participarem plenamente das ações litúrgicas, sobretudo da celebração eucarística através de gestos, símbolos e palavras. Todos são exortados a

tomarem parte no rito próprio da celebração, o compreendendo como caminho para atualização do Mistério Pascal, do qual todos nós participamos, como povo sacerdotal.

A participação ativa, consciente e plena na celebração depende da fomentação de uma assembleia litúrgica que é despertada para a consciência daquilo que nos fala a *Gaudium et Spes* (GS), no seu primeiro número:

as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos homens de hoje, sobretudo dos pobres e de todos aqueles que sofrem, são também as alegrias e as esperanças, as tristezas e as angústias dos discípulos de Cristo; e não há realidade alguma verdadeiramente humana que não encontre eco no seu coração. Porque a sua comunidade é formada por homens, que, reunidos em Cristo, são guiados pelo Espírito Santo na sua peregrinação em demanda do Reino do Pai, e receberam a mensagem da salvação para comunicar a todos. Por este motivo, a Igreja sente-se real e intimamente ligada ao gênero humano e à sua história. (GS, n.1)

Este número da Constituição Pastoral sobre a Igreja, no mundo contemporâneo nascida segundo as reflexões do Vaticano II, nos ajuda a pensar que a liturgia como fonte de espiritualidade, nos coloca diante de duas questões teológicas a da encarnação e a da *kenósis* de Jesus. No mistério da encarnação, contemplamos um Deus que se faz carne e vem habitar entre nós. Já no mistério da *kenósis*, somos colocados diante de um Deus que se esvazia de si mesmo, para vir ao encontro do humano, a fim de fazê-lo participante de sua vida divina.

Na liturgia a realidade de um Deus que se faz carne e em nosso favor se permite ser elevado na cruz, para que nele todos tenham vida, se atualiza, como o fundamento primeiro de toda a realidade humana. Na perspectiva zubiriana podemos afirmar que na liturgia, a nossa apreensão primordial de Deus, se desdobra em simples apreensões que nos ajudam a compreender quem é Deus e o que podemos afirmar dele. Aqui nasce um profícuo diálogo teologal. O homem por meio da ação litúrgica entende sencientemente a presença de Deus.

A liturgia é um canal de comunicação entre Deus e o seu povo. Comunicação que nasce da experiência de um Deus que vê, sente, tem compaixão e vem ao encontro do seu povo. A partir da recordação destas ações de Deus, em favor da sua criação, podemos afirmar o caráter sociotransformador da liturgia. “O crente não pode render culto ao Senhor e negar o irmão que está necessitando de ajuda. Deus não acolhe a prece daquele que não escuta o grito do pobre, porque jamais poderá ser um culto autêntico se os que o celebram é causa de injustiça” (BOSELLI, 2012, p. 184).

4 A celebração eucarística: momento de atualização da *historia salutis*

Ao se reunir para celebrar a eucaristia, a comunidade convocada por Deus, forma uma assembleia litúrgica. Por meio desta assembleia, Deus se manifesta assim como ele é ao seu

povo congregado, isto é, uno e trino. Neste encontro a comunidade eleva o seu louvor ao Pai, por meio do Filho, no Espírito Santo. Esta oração que se eleva a Deus, se dá dentro de um contexto de memorial. A comunidade reunida faz memória na celebração da Páscoa de Cristo, na Páscoa da comunidade.

Entre as muitas definições que podemos dar a palavra páscoa, está aquela de passagem de uma vida de escravidão para uma vida de libertação. No Antigo Testamento o evento pascal se dá a partir de quatro gestos de Javé, relatados em Ex. 3,7-11: Deus vê, sente, desce e age em favor do povo, que Ele escolheu para si, com o escopo de revelar a todos a sua salvação. O povo escolhendo a Javé, liderado por Moisés, faz a experiência do abandono da escravidão no Egito e se coloca a caminhar, a fim de viver como um povo livre. Anualmente os filhos de Israel serão convidados a fazer memória, isto é, tornar presente, atual, por meio da celebração o evento fundante desta nação. Celebrar o memorial pascal era assegurar a liberdade dos filhos de Deus no presente e transmiti-la as futuras gerações.

Na medida em que se coloca diante YHWH com prontidão e amor, tomada pelo reconhecimento adorante e serviçal, em comunhão comunitária e no estreitamento das relações fraternas – tudo como previsto no código da aliança-, a assembleia realiza, sinaliza e anuncia a justiça e a santidade de Deus, doadas na lei (COLA, 2020, p. 109).

No Novo Testamento o evento da paixão, morte e ressurreição de Jesus será a Páscoa do novo povo de Deus. O Senhor para nos revelar a realidade da vida nova, que nos vêm através de Cristo, desce a mansão dos mortos, e de lá ressuscita, mostrando a sua força em relação à morte. A partir da ressurreição de Jesus, as comunidades que assumem a tarefa de continuarem a missão do Ressuscitado, encontram na celebração memorial, o caminho para continuar os passos do Filho de Deus. A celebração da eucaristia desde o início irá se configurar para as primeiras comunidades, como momento oportuno de atualização da presença de Cristo no seio da comunidade eclesial. “A Igreja de Cristo, enquanto, corpo de Cristo, exatamente no ato de culto, age em conjunto e é feita, atua e é, de algum modo, criada” (COLA, 2020, p. 143).

Celebrar a eucaristia para as primeiras comunidades era sempre atualizar, por meio de *ritus et preces*, o memorial salvador de Cristo. Aqui encontramos as razões pelas quais os padres conciliares no Vaticano II, exortaram as comunidades a recorrerem as fontes cristãs para reformarem e renovarem a vida litúrgica da Igreja. A liturgia desde o princípio foi compreendida, mesmo que por um tempo isto foi esquecido, como fons et culmen de toda a vida cristã.

Por isso, a cada celebração eucarística a comunidade é exortada a celebrar a sua vida, que se atualiza, na vida mesma de Cristo, pois a comunidade congregada pelo Senhor é sempre

expressão do povo de Deus, que encontra-se neste mundo sob a guia do Espírito Santo. Ao celebrar as alegrias e tristezas a comunidade atualiza o Mistério Pascal, que é o Cristo morto e ressuscitado, para onde deve convergir toda a vida e missão da Igreja.

Nesta celebração onde a *historia salutis* é atualizada, a comunidade toma consciência da presença real de Cristo naquele que preside, no anúncio da Palavra, nas espécies consagradas, na ação sacramental, mas sobretudo na assembleia litúrgica congregada (SC, n.7). A presença real de Cristo na liturgia, através da comunidade celebrante, anuncia a possibilidade de um novo céu e uma nova terra.

5 O diálogo entre a celebração eucarística e a realidade

A Igreja desde as suas primeiras celebrações eucarísticas, que no decorrer da história recebeu muitos nomes, sempre buscou alertar os cristãos sobre o seu caráter social. A chamada de atenção do apóstolo Paulo, em 1Cor 11,17-34 testemunha a sua preocupação em não permitir que as atitudes impróprias dos membros da comunidade de Corinto, viesse colocar em xeque a fraternidade, que deve gerar entre os membros da comunidade a celebração da Ceia do Senhor, memorial, atualização da Páscoa de Cristo, na vida pascal da comunidade eclesial.

Enzo Bianchi tratando do tema da eucaristia, procura perfazer um caminho para entendê-la na ótica da condissão (2015, p. 19-28). Tal compreensão lança-nos numa estrada que convida a estabelecer um diálogo entre a celebração eucarística e a realidade. É impossível participar de uma ação litúrgica, que atualiza o Mistério Pascal, sem estarmos inseridos na realidade, sem sentirmos intelectivamente o mistério que celebramos. Toda celebração da eucaristia se dá dentro de um contexto real, que a comunidade sente intelectivamente.

O pensador contemporâneo espanhol Xavier Zubiri, na construção de sua obra filosófica, que buscou e ainda possibilita estabelecer diálogos com os inúmeros campos do saber humano debruçou-se sobre o tema da realidade. Aliás para ele a realidade é o fundamento primordial de todo conhecimento humano. Para dar um novo conteúdo ao que ele compreende por realidade, o mesmo no primeiro volume de sua obra madura Trilogia da Inteligência Senciente, dedicou-se a explicar o que o mesmo compreende por esta temática, chegando a cunhar um novo termo, isto é, *reidad*.

Toda celebração eucarística atualiza a realidade Cristo, fundamento de toda a nossa fé. Tal atualização se dá por meio de *ritus et preces*, que nos ajudam a entrar mistagógicamente no mistério de nossa fé. À medida que entramos neste mistério, tomamos consciência de que toda ação litúrgica deve partir da realidade em que a comunidade encontra-se inserida. Desse modo,

toda celebração que está em diálogo com a realidade, a partir da qual se celebra, gera um *ethos*. Aqui voltamos ao termo *condivisão*. O gesto sacramental da divisão do pão, que se dá iluminado pela escuta e meditação atenta da Palavra, anima a comunidade, que participa de uma forma ativa, frutuosa e consciente na liturgia, a transformar o meio em que se vive.

Partindo da realidade Cristo, para transformar a realidade em que a comunidade se encontra inserida, a celebração eucarística se configura como um grande grito profético, isto é, *condivisão*, expressão da unidade dos membros da comunidade eclesial. Recordemos que foi na realidade do partir do pão que os discípulos de Emaús, reconheceram o Ressuscitado (Lc 24,13-35). Cada vez que a comunidade cristã se reúne para *condividir* o pão se atualiza a ceia derradeira, em que Jesus, se dando como alimento, deixou um mandato à comunidade dos discípulos, de repetirem sempre este gesto, em sua memória.

Esta celebração em diálogo com a realidade, nos reporta a uma prática testemunhada por Justino em sua I Apologia:

Os que possuem alguma coisa e queiram, cada um conforme sua livre vontade, dá o que bem lhe parece e o que foi recolhido se entrega ao presidente. Ele o distribui a órfãos e viúvas, aos que por necessidade ou outra causa estão necessitados, aos que estão nas prisões, aos forasteiros de passagem, numa palavra, ele se torna o provisor de todos, os que se encontram em necessidade (*Apol 67,6*).

O caráter social da liturgia, que emerge da própria celebração eucarística sempre esteve diante dos olhos da Igreja, que na sua missão de continuadora do Senhor Ressuscitado, nunca deixou de cuidar, para que a vida humana seja protegida do seu nascer ao seu declínio natural. A comunidade que se reúne e celebra a eucaristia, é chamada a viver uma vida que se configura ao mistério que se celebra e que se atualiza em cada assembleia litúrgica. O Papa emérito Bento XVI, assim se expressa ao falar da importância do surgimento de uma cultura eucarística, na Exortação Apostólica Pós Sinodal *Sacramentum Caritatis*:

A espiritualidade eucarística não é apenas participação na Missa e devoção ao Santíssimo; mas abraça a vida inteira. [...] Hoje se torna necessário redescobrir que Jesus Cristo, não é uma simples convicção privada ou uma doutrina abstrata, mas uma pessoa real cuja inserção na história é capaz de renovar a vida de todos. Por isso, a Eucaristia, enquanto fonte e ápice da vida e missão da Igreja, deve traduzir-se em espiritualidade, em vida “segundo o Espírito” Rm 8,4s. (*Sacramentum Caritatis*, n.7)

O diálogo entre a celebração eucarística e a realidade, impulsiona a comunidade cristã a vivência de um *ethos*, que brota do próprio Evangelho. Pois, a comunidade cristã é chamada a assemelhar-se a realidade Jesus Cristo, fundamento de toda a obra missionária da Igreja, chamada a ser no mundo, em meio ao criado *sacramentum caritatis*.

É próprio na Eucaristia que emerge com clareza e verdade o sentido do criado, o seu significado primeiro e último: a oferta dos dons e a transformação são a revelação mesma do sentido do cosmo destinado ao cumprimento do Reino e junto a manifestação do sentido sacerdotal da atividade humana (PETRÀ, 2007, p. 30).

Por isso, ao celebrar e atualizar o mistério Pascal, a Igreja procura evidenciar a força da presença real de Cristo na sua Igreja. Presença que é sentida intelectivamente pela comunidade de um modo primordial e que se desdobra em apreensões ulteriores que conduz a própria comunidade a uma consciência da sua tarefa missionária, a partir da realidade Jesus Cristo. As apreensões ulteriores do mistério fazem com que a comunidade compreenda o caráter social da ação litúrgica, que impulsiona um processo de transformação de contextos, que caminham na contramão do Evangelho, em realidades da indicação da presença do Reino.

O certo é que na celebração eucarística não celebramos o nada, mas atualizamos um mistério, que faz referência a nossa salvação. Isto é, o Cristo que experimentou a paixão, para indicar a experiência que todos faremos um dia, a ressurreição de entre os mortos.

6 Conclusão

Faz se urgente cada vez mais na Igreja, que esta iluminada pelos ensinamentos bíblicos e patrísticos e de seu magistério tome consciência do caráter social da liturgia. Pois as nossas celebrações eucarísticas, não podem gerar comunidades indiferentes aos contextos que caminham na contramão, dos ensinamentos que brotam do evangelho.

Através da liturgia, a Igreja deve despertar-se para a consciência de que se faz necessário desenvolver entre nós uma cultura eucarística. Tal cultura deve nos auxiliar na compreensão da eucaristia como convivência. Partilha de vida, transformação dos contextos de morte em contextos de vida, fonte inesgotável de espiritualidade, que nos coloca sempre, diante do mistério celebrado e atualizado pela ação litúrgica.

Para a Igreja celebrar a eucaristia e ao seu interno compreender o seu papel profético é superar todos os esforços empreendidos por muitos, para dissociar fé e vida. Na celebração da eucaristia fé e vida se abraçam, com a finalidade de fazer acontecer a realidade do Reino de Deus entre nós.

Referências:

BÉGUERIE, Philippe; BEZANÇON, Jean-Noël. *A missa de Paulo VI. Retorno ao coração da Tradição*. São Paulo: Paulus, 2016.

- BENTO XVI. *Exortação Apostólica Pós Sinodal Sacramentum Caritatis*. São Paulo: Paulinas, 2007.
- BIANCHI, Enzo. L'eucaristia come condivisione. In *Rivista Liturgica*, v. 102, n. 1, Padova, p. 19-28, 2015.
- _____. *Il senso spirituale della liturgia*. Magnano: Edizioni QIQAJON-Comunità di Bose, 2012.
- COLA, Gustavo Correa. *O sacramento-assembleia. Teologia mistagógica da comunidade celebrante*. Rio de Janeiro – Petrópolis: PUCRIO-Vozes Acadêmica, 2020.
- DOCUMENTOS DO CONCÍLIO ECUMÊNICO VATICANO II. São Paulo: Paulus, 2007.
- DWORAK, Krzysztof. “Fazei isto em minha memória”: os ministérios e a celebração ritual ao serviço do Verbo In: PARO, Thiago Faccini (org). *Atualização litúrgica 3. Associação dos Liturgistas do Brasil*. São Paulo: Paulus, 2020, p 13-32.
- FRATTALONE, Raimondo. La Liturgia e la plasmazione cristiana della persona della società e del mondo. In *Rivista Liturgica*, v. 94, n. 1, Padova, p. 33-47, 2007.
- JUSTINO DE ROMA. *I e II Apologia e Diálogo com Trifão*. São Paulo: Paulus, 2013.
- PETRÀ, Basilio. Il compendio e la liturgia. Osservazioni e annotazioni. In *Rivista Liturgica*, v. 94, n. 1, Padova, p. 19-32, 2007.
- ZUBIRI, Xavier. *Inteligência e Realidade*. São Paulo: É Realizações, 2011a.
- _____. *Inteligência e Logos*. São Paulo: É Realizações, 2011b.
- _____. *Inteligência e Razão*. São Paulo: É Realizações, 2011c.